

INTERVALO ANALITICO



TEMPO

Fabiano Pinheiro. *O tempo de Proust*, 2023.
@roto.colado

MATÉRIA DA CAPA

"Quanto tempo fica o mal numa superfície?"

"É preciso que a clínica seja como uma brincadeira, ou desenvolva brincadeiras, ou que a conversa fique brincada." (Miguel Sayad)

Cada hora tem seu tempo

"Regidas pela atemporalidade do inconsciente, as análises seguem seu trilhamento."
(Marcia Gaspar Gomes)

Por Miguel Sayad e
Marcia Gaspar Gomes
páginas 3 e 4

FAZENDO PARTE DA PSICANÁLISE

Entrevista com Gilda Sobral Pinto

"Saber ver nas diferenças um enriquecimento de pontos de vista, uma possibilidade de ampliar o campo relacional e abrir os caminhos de pensar a vida, salva o mundo."

Por Carlos Pires Leal
página 6

PSICANÁLISE & CIA

Fernando Moura

"Freud achava que era possível a pessoa ter um talento psicanalítico sem uma formação psicanalítica."

Por Sandra Gonzaga e Silva
páginas 10 e 11

EU NÃO TERIA ME TORNADO QUEM SOU SE...

Copo Vazio

"São momentos pouco grandiosos, quase imperceptíveis, aqueles que mudam o rumo das coisas."

Por Natalia Timerman
página 12



EM BUSCA DO TEMPO DA PSICANÁLISE

Desde a noção freudiana de *Nachträglich*, ou 'a posteriori' em português, até o tempo explodido ou estilizado de André Green, a questão do tempo não cessou de dar trabalho aos psicanalistas. Se o inconsciente ignora o tempo, como acreditava Freud, nós, que trabalhamos com Psicanálise, não temos como desconhecê-lo. Se é verdade então que o passado e o futuro, representantes do tempo, nascem a partir da palavra, a narrativa procura ordenar os traços esquecidos ou as lacunas da história do sujeito, dando-lhes um sentido novo e atual. Se a narrativa são as associações livres dos analisandos durante a sessão ou as páginas de um romance do início do século XX, isso pouco importa. Mais do que simples revisões, os tempos do passado são reeditados por aqueles do presente. Analisando e analista são, respectivamente, editor e coeditor do inconsciente, esse livro sem fim.

Assim, para nos ajudar a pensar sobre a questão do tempo, convidamos alguns colegas a compartilhar conosco suas ideias e opiniões sobre esse tema tão atual e que se renova a todo instante.

Para a capa desta edição, o ilustrador Fabiano Pinheiro concebeu especialmente a imagem "O tempo de Proust", associando passado e presente, na qual a madeleine fetichizada na obra do escritor francês serviria de "objeto transicional" para ligar as pontas dessa história encapsulada no tempo.

Num belo texto para a Matéria da Capa, tam-

bém atravessado pela Literatura, o psicanalista e Membro Efetivo Miguel Sayad tece algumas reflexões em torno do tempo (do inconsciente), fonte da Poesia e da Psicanálise, relativizado e transformado no espaço.

Ainda na Matéria da Capa, fazendo par com Sayad, Marcia Gomes, Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do RJ (CPRJ), nos fala sobre os ecos da pandemia, do desmoronamento da ilusão de imortalidade, isto é, da transitoriedade da vida, ritmados pelas canções de Chico e Caetano.

Em Fazendo Parte da Psicanálise, Carlos Pires Leal entrevista Gilda Sobral Pinto, da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ), sobre a intolerância à diversidade, característica dos nossos tempos, e sobre a influência que seu pai, o jurista Sobral Pinto, teve sobre sua formação psicanalítica.

Luiz Fernando Gallego faz uma incursão da sétima arte ao longo do tempo, desde o comercial "De volta para o futuro", passando pelos incontornáveis "Morangos silvestres", de Bergman, e "8 e 1/2" de Fellini, "Um corpo que cai", de Hitchcock, até os outros filmes do diretor de "O ano passado em Marienbad", Alain Resnais.

Na Coluna do Instituto, Ana Sabrosa, Membro Efetivo e diretora do Instituto, traz um breve resumo da função e do trabalho do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ, incluindo o ingresso dos candidatos não-médicos e não-psicólogos desde 2021 em suas fileiras, e o Programa Social-Racial, assim como dois even-

tos recentes do Departamento de Difusão, imbuídos do tempo da transmissão e da criação.

Danielle Grynspan, Membro Provisório, no Espaço dos Membros Provisórios e Analistas em Formação, a partir de um projeto de atendimento remoto em meio à pandemia voltado às classes populares, inspirado pelas clínicas públicas de Freud de 1918, questiona qual o papel de uma Psicanálise implicada hoje.

Na Psicanálise & Cia, a editora Sandra Gonzaga entrevista o cantor e pianista Fernando Moura numa deliciosa conversa sobre música, literatura, escrita confessional e o "Freud de bolso", pronto para uso.

Na coluna Eu não teria me tornado quem sou se... encerrando este número dedicado ao Tempo, a psiquiatra e escritora Natalia Timerman, autora de "Copo Vazio", nos oferece um belo e comovente relato de como os encontros e desencontros transformam nossas vidas.

Quase ia me esquecendo de Proust, esse psicanalista disfarçado de escritor, que fez do tempo um tema onipresente em seus romances e das digressões um estilo. Só para lembrar que a Combray, a cidade imaginária que emerge da madeleine embebida no chá, não é a recuperação de um tempo perdido ou recalado, mas construção, ou melhor, co-construção entre o autor e seus leitores de ontem, de hoje e de sempre.

Boa leitura!

// Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com



Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

sbprj.org.br

Siga-nos:

facebook.com/SBPRJ/

instagram.com/sbprjoficial/

Inscreva-se em nosso canal:

youtube.com/c/CanaldeVideosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Carlos Pires Leal, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva

As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2023-2024

Presidente: Ruth Naidin; **Vice-Presidente:** Miguel Calmon; **1ª Secretária:** Adriana Lasalvia; **2ª Secretária:** Magda Rodrigues Costa; **1ª Tesoureira:** Gabriela Pszczol Krebs; **2ª Tesoureira:** Clara Sauberman / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ana Sabrosa (Diretora), Bernard Miodownik (Vice-Diretor), Nazli Faraj Sasson (Secretária) / **Conselho Científico:** Leticia Tavares Neves (Diretora), Marina Magalhães Miranda (Secretária) / **Conselho Profissional:** Margaret Waddington Binder (Diretora), Wania Peçanha de Oliveira (Secretária) / **Clínica Social:** Mônica Taunay (Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Diretora), Rebecca Nonato Machado (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Michelle Gorin Zaidhaft (Diretora), Lucia Moret (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Sonia Verjovsky (Diretora), Maria Teresa Naylor Rocha (Secretária) / **Site:** Roberto Franco



“Quanto tempo fica o mal numa superfície?”⁽¹⁾

Ele escreveu todos os dias um texto, durante o confinamento.

Passou assim seu tempo.

Isso expressa a linguagem inconsciente. O universo da Literatura.

Os futuros psicanalistas, os do tempo futuro, deveriam se informar mais lendo Literatura.

Poesia e Psicanálise fluem da mesma fonte.

Tempo.

Sempre de começo, vamos ficando velhos e morremos.

Realizar é tornar carne, no tempo e espaço, erotizar.

Tempo e espaço interno, cena fantasmática, sonhos.

Espaço onde estamos de corpo e alma. Matéria e energia (libido) são tão entrelaçadas como o tempo e o espaço.

Einstein, já em 1905, tratava dessa concepção de matéria e espírito, corpo e alma.

Espaço e tempo são faces da mesma moeda.

A 1,08 bilhões de km por hora no espaço, o tempo para. O tempo fica mais devagar quanto mais estejamos em ação. Quanto mais rápido estamos, mais devagar passa o tempo. Teoria da Relatividade.

Nesse Intervalo, recreio, aprender brincando – enorme desenvolvimento para a clínica psicanalítica no precipício: nas bordas da sanidade o tempo precisa passar sem ser notado. É preciso que a clínica seja como uma brincadeira, ou desenvolva brincadeiras, ou que a conversa fique brincada.⁽²⁾

O Super Ego, sempre crítico, quanto mais o for, mais faz o tempo ser lento e pesado. Compreender significa acolher e habitar junto, ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

O que aqui veio não foi ordenado pela lógica entre palavras e as frases, pois espero, tal como na clínica, “articular um outro modo não lógico de conexão entre pensamentos”. A seu tempo “Holderlin” passou a confiar não ao conhecimento, mas à poesia, a tarefa de apreender esse ser atético (a essência do ser) que escapa necessariamente à reflexão. “A ausência de conexão se torna progressivamente um verdadeiro princípio de composição poética”⁽³⁾, também princípio da Psicanálise.

“Os futuros psicanalistas, os dos tempos futuros, deveriam se informar mais lendo Literatura.”

Vejam Bion e Winnicott e, desde muito antes, a associação livre e o pensamento fluente de Freud. Daí, é bom, sempre, que o pensamento seja encarnado: margens que o enquadram. Tempo Encarnado.

Carne.

Encarnado vermelho de sangue.

O Tempo Urge. Um novo tempo está presente-em-expansão.

O Tempo Esquentou em Salvador.

Fechou o Tempo.

No espaço do V Congresso, o Tempo Abriu, rompeu-se a resistência, a pressão interna forçou passagem em consequência de estarmos todos habitando um espaço acolhedor e antirracista, capaz dessa hospitalidade à violência e

à agressividade.

Faz-se, assim, a conexão com a palavra que dismantela o fetiche, que tem sua razão de ser na ausência dela. Fetichismo com seus enormes ganhos secundários, mas vazio de sentido, gerando vidas e carreiras que se perdem no tempo na busca de sentido, mas justamente lá, ali onde não há.

Houve hemorragia, houve margem para essa hemorragia: Psicanálise encarnada no processo e final do Congresso.

Entretanto, o que conta e será contado é o que será feito com esse sangue e essa energia liberada e acolhida. Vamos dar tempo ao Tempo das Transformações⁽⁴⁾.

(1) Gonçalo M. Tavares - “Diário de Peste (O ano de 2020)”. Relógio D’Água. Lisboa. 2021.

(2) Winnicott - sua obra, especialmente “O Brincar e a Realidade”.

(3) Giorgio Agamben - “A Loucura em Holderlin - Crônica de uma Vida Habitante. 1806-1843”. Edições 70. Grupo Almedina. Portugal. Maio, 2022.

(4) Christopher Bollas (1987) - “A Sombra do Objeto - A Psicanálise do Conhecido Não Pensado”. Imago, RJ, e Ed. Escuta, SP. 2015.

// Miguel Sayad
mi.sayad@gmail.com



©Andres Gallardo Albajar,
2023.



Cada hora tem seu tempo

“Que tal um samba?”, lançada por Chico Buarque em setembro de 2022, acena um tempo de esperança e rompe com o sentimento de profunda humilhação ao qual estávamos submetidos em tempos sombrios e cruéis.

A pandemia da Covid-19 nos pega de surpresa e nos impõe um confinamento a bem da preservação da vida e da saúde coletiva. As coordenadas tempo/espaço são radicalmente atingidas, nos deixando num estado de absoluto constrangimento.

Espanto, medo e a morte a nos rondar. Estranhamento, angústia, perdas, ameaças. *Unheimlich...*

Na clínica psicanalítica com seus atendimentos virtuais constatamos o intenso trabalho psíquico de nossos analisantes. Eis que o presente emerge na força da presença, voz e olhar plenos em seu estatuto de objeto. Sonhos em profusão, associação livre a pleno vapor, atenção flutuante do analista.

“A vivência de desmoronamento, da ilusão de imortalidade, urge e não há tempo a perder. O tempo se esvai.”

A vivência de desmoronamento da ilusão de imortalidade urge e não há tempo a perder. O tempo se esvai.

Os limites da angústia de castração se impõem de maneira eloquente, como assinala Joel Birman em “Trauma na pandemia do coronavírus”.

Regidas pela atemporalidade do inconsciente, as análises seguem seu trilhamento.

Confinados a um tempo sem fim, analisantes e analisantes se encontram imersos no pandemônio da Peste.

Lança-se mão de encontros virtuais. Amigos, amores e família em chamadas de vídeo enchem os olhos e aquecem os corações. Morremos de saudades cheios de vida.

Pranteamos nossas perdas, tememos a solidão da hospitalização. O hospital, lugar da cura, torna-se teatro da morte.

A pandemia escancara, traz a céu aberto a imensa desigualdade social, e ao criar situações que facilitam a emergência de manifestações de agressividade, de violência e de outros fatores intervenientes, revela o esgarçamento do pacto social – fenôme-

no que vinha sendo gestado e sai dos bastidores alçando o primeiro plano do cenário. Contemporâneo a isso, os avanços tecnológicos e as mudanças de paradigma daí advindas se dão numa velocidade vertiginosa. Vertigem, falta de chão – a inteligência artificial está entre nós.

Entre nós? Nos substituirá? Empregos e ofícios ameaçados, era de incertezas, abalo no arcabouço identitário.

Alicerces da estrutura do tecido social sacudidos, os pactos civilizatórios, eles mesmos, passam por transformações e nos resta enfrentar alternativas.

Freud se depara com o futuro de uma ilusão e com a força da agressividade humana. Afirma o poder incoercível da pulsão de morte, cujo alívio o homem realiza por meio dos instrumentos sublimatórios de que dispõe, fornecidos pelas culturas: as artes, o trabalho, o laço social etc.

Nesta batalha sublimatória, a humanidade se ressentida da ameaça de seu próprio fim.

No dizer de Achille Mbembe: “A era computacional é dominada pela ideia de que há quadros negros limpos no inconsciente. As formas dos novos meios não só levantaram a tampa que as eras culturais anteriores colocaram sobre o inconsciente, mas se converteram nas novas infraestruturas do inconsciente”.

No apelo de Caetano, apostamos e insistimos, sobrevivemos e... inventamos moda.

“Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo Tempo Tempo Tempo
Entro num acordo contigo
Tempo Tempo Tempo Tempo”.

// Marcia Gaspar Gomes

gaspargomesmarcia@gmail.com

Psiquiatra e psicanalista. Membro Efetivo e Membro da Comissão de Formação Permanente do Círculo Psicanalítico do RJ.



Escultura de Alex Prager (2023) / @welcome.jpeg

Entrevista com Gilda Sobral Pinto

Gilda Sobral Pinto, nossa entrevistada desta edição, é psicanalista da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ). Nutre por Freud uma notória e arrebatada paixão. Dedicou-se há várias décadas à transmissão do legado psicanalítico, sendo uma arguta e crítica pensadora da cultura a partir da Psicanálise. Filha do jurista e ilustre cidadão brasileiro Sobral Pinto, Gilda nos conta sobre a influência que ele teve sobre a sua formação como pessoa e psicanalista.

Gilda, como apaixonada, estudiosa e transmissora do legado de Freud, num exercício reflexivo ficcionalizado, o que acha que o criador da Psicanálise acharia do momento civilizatório no qual vivemos?

Freud considera exigências de uma civilização: o culto à beleza, limpeza e ordem. As realizações intelectuais, científicas e artísticas dando importância às ideias. Essa visão romântica de Freud sobre o processo civilizatório sofre uma mudança drástica a partir de 1915, após a eclosão da Guerra Mundial (1914-1918). Diante de uma guerra mais sangrenta e devastadora que as anteriores, a ilusão iluminista de modernidade civilizatória caiu por terra. Viu-se obrigado (palavras dele) a admitir existir instintos opostos com o mesmo poder de ação, chamando de hipocrisia cultural tentar conter e reprimir pulsões incontroláveis. Vendo nas restrições morais à sexualidade a origem das neuroses, via na liberação da vida sexual uma solução. Mas temia suas consequências civilizatórias: a abolição da família e a liberação dos instintos agressivos que seria inevitável. Agora, podemos fantasiar Freud sentado à beira do mar, numa praia no Rio de Janeiro, pensando e se orgulhando de sua capacidade ímpar de previsão. A liberação sexual aconteceu a partir da criação da pílula anticoncepcional. O conceito de família da Era Vitoriana sofreu modificações significativas. Os impulsos agressivos liberados passaram a se fazer presentes em todos os tipos de relação: familiares, profissionais, esportivas ou políticas. Aplaudiria os avanços tecnológicos pensando no perigo das fantasias de onipotência. Bateriam palmas para a conquista da liberdade individual, para os efeitos benéficos da liberação sexual na vida da mulher, assim como para o afastamento do caráter imoral e patológico da

relação homossexual. Lamentaria a queda no tom romântico numa relação amorosa, afirmando que amor e civilização não combinam, mas acreditando no amor como o grande sentido da existência. Perceberia os interesses pessoais atropelando o coletivo, a mentira camuflando a verdade, o fascínio pelo poder e pela dominação se impondo a qualquer preço, o abandono de valores como honestidade, transparência, respeito pelo outro e obediência às leis.

Que impacto a intolerância à diversidade de opiniões e ideias entre as pessoas, característica do momento atual, tem gerado sobre a reflexão a respeito das questões cruciais do nosso país em sua necessária complexidade?

O maior impacto está na impossibilidade de refletir, de criticar, de trocar ideias, condições necessárias para o crescimento de um grupo, para a abertura de novas proposições criativas. Os aspectos comunicativo e afetivo nas relações ficam totalmente prejudicados. A luta entre construção x separação/destruição responde por perdas irreparáveis quando nos defrontamos com cortes nas relações entre irmãos, amigos, casais, pais e filhos. Também a liberdade de ser, em lugar de parecer, de se submeter – uma das grandes conquistas da segunda metade do século XX, em que a Psicanálise teve um papel relevante e que deveria ser criativa – tem sofrido desvios trágicos, colocando as pessoas num patamar de certezas indiscutíveis, representação de uma posição narcísica, arrogante, de desrespeito ao outro.

Os canais de comunicação têm sido mais usados para atacar, destruir, mentir em lugar de trocar ideias, discordar, refletir, ouvir. Saber ver nas diferenças um enriquecimento de pontos de vista, uma possibilidade de am-

pliar o campo relacional e abrir novos caminhos de pensar a vida salva o mundo.

Freud tinha uma sensibilidade para as questões Políticas (com P maiúsculo) e sociais que a historiadora Elizabeth Ann Danto resgatou no seu livro “As clínicas públicas de Freud”. Como você vê, Gilda, a responsabilidade ética da Psicanálise de pensar e agir solidariamente no campo social frente aos milhões de brasileiros pobres e desassistidos?

No trabalho *Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica*, que serviu de referência ao livro de Elizabeth Ann Danto, Freud mostra que, em virtude de um número ainda pequeno de psicanalistas, das necessidades de sobrevivência dos médicos, do momento trágico que a Europa está vivendo (1918, ainda em guerra), a terapia psicanalítica fica restrita às classes abastadas, afirmando que nada podemos fazer pelas camadas sociais mais amplas que sofrem de neuroses extremamente graves. Faz referência aos direitos dos pobres de receberem tratamento mental, acredita que o número de psicanalistas aumentará e instituições e clínicas serão criadas e os tratamentos serão gratuitos. E tudo isso aconteceu na segunda metade do século XX. No Brasil, o número de profissionais da Psicanálise aumentou e instituições de Psicanálise foram fundadas e, nelas, clínicas sociais criadas, com objetivos de oferecer espaço para os profissionais em formação iniciarem sua prática clínica, assim como atender à população de baixa renda. De uns tempos para cá, percebo certa confusão conceitual envolvendo a Psicanálise, a figura do psicanalista e a política (com letra minúscula), ou seja, políticas partidárias, de disputa de poder e de rivalidade, e grupos de psicanalistas tomando partido em nome



Gilda Sobral Pinto

"A Psicanálise é coisa do diabo".
(Do ilustre jurista brasileiro Sobral Pinto
para sua filha Gilda, nossa entrevistada).

da Psicanálise, afirmando que Psicanálise é Política.

Seu pai, Heráclito Sobral Pinto, foi um cidadão ilustre da Nação, uma referência ética e moral da Democracia, uma pessoa que continua nos inspirando. De que forma ele contribuiu para a sua formação como psicanalista e te inspira no exercício da nossa profissão?

Meu pai não contribuiu em nada para a minha formação como psicanalista. Pelo contrário. Discordou da minha escolha quando a ele participei a troca do curso de Letras Neo-latinas para o curso de Psicologia. Disse ele: - "No próximo ano vai para Jornalismo?" - "Não sei", respondi. "Pode ser." - "Você deveria ser teóloga. Você é muito inteligente e não tem nenhuma teóloga mulher no Brasil." - "Eu me interessava por educação e Teologia, gosto por curiosidade."

E a conversa se encerrou. E fiz o curso de Psicologia na PUC-Rio, me apaixonei por todas as matérias. Gostava de comentar sobre o conteúdo das aulas e ele se interessava. No dia da formatura, ele estava presente, cheio de orgulho. Esse era meu pai. Posicionava-se, dava sua opinião e aceitava nossas decisões, mesmo que não concordasse. Fui fazer, depois, formação psicanalítica na SPCRJ. Nessa época, já casada, com filhos, quando ia à casa dele, conversávamos sobre Psicanálise e ele me falava sobre o saber psicanalítico que, nos anos 30 do século XX, começou a aparecer nas questões do Direito.

Um dia, ao dar uma entrevista para um jornal ou uma revista, o jornalista fez uma pergunta provocativa:

- "Dr. Sobral, como é para o senhor, líder católico, ter uma filha psicanalista?"

A resposta veio pronta:

- "Psicanálise é coisa do diabo."

Não é preciso dizer que isso provocou uma troca de cartas entre mim e ele, num clima de muito afeto, muito respeito, de parte a

parte, crivadas de argumentos muito bem fundamentados por ele e por mim, sem que eu o convencesse, nem ele a mim. E o mais importante, sem descambar para o plano pessoal. A Psicanálise está para mim como o Direito sempre esteve para o meu pai.

O ímpeto instituinte no campo da Psicanálise se transformou nos últimos anos? O vigor do Movimento Psicanalítico de penderia de algo semelhante ao entusiasmo e à coragem por meio dos quais Freud criou e difundiu a Psicanálise?

O ímpeto instituinte no campo da Psicanálise e o vigor do Movimento Psicanalítico não se transformaram, desapareceram. Na década de 70, brigávamos por um lugar ao sol, precisando de entusiasmo e coragem para enfrentar a respeitável IPA e alcançar o pódio da Psicanálise, um saber ultravalorizado, reservado a uns poucos.

Hoje, a Psicanálise, como um saber respeitado, conquistou seu lugar inquestionável no mundo científico, substituindo a rigidez dos primeiros tempos pelo rigor de um conhecimento estruturado, tornando-se um saber ao alcance de todos.

A Psicanálise perdeu muito do seu charme, de sua idealização, deixando de ser considerada a panaceia do mundo. Considero preocupante a oferta de cursos rápidos do tipo "torne-se psicanalista em seis meses". Uma vulgarização extremamente perigosa decorrente, em parte, do imediatismo do mundo atual.

Junto com Carlos Doin, você apoiou e inspirou a fundação, há 25 anos, da Associação Psicanalítica de Nova Friburgo. Como tem sido a transmissão da Psicanálise ao longo das últimas décadas?

Acredito que, em termos de proposta, a transmissão da Psicanálise segue o modelo inicial do tripé psicanalítico: análise pessoal, supervisão e estudo da teoria psicanalítica. Sendo o objeto da Psicanálise o encontro

com o inconsciente, qualquer tentativa de padronização está fadada ao fracasso. De um modo geral, acho que, hoje, os psicanalistas estão mais próximos da proposta inicial de Freud e a transmissão mais psicanalítica. Há exceções, como sempre.

Fale-nos um pouco sobre o seu próximo livro.

Esse livro nasceu na pandemia. Preocupada com as questões relacionais, casais se separando em função de uma convivência diária obrigatória, amigos rompendo relações como decorrência de diferentes posições políticas, comecei a pensar sobre como administrar a luta constante entre amor e ódio, que faz parte da constituição humana. E resolvi refletir sobre o Homem e a Mulher nessa difícil empreitada. Usando como ponto de partida a minha infância na companhia de dois irmãos meninos, enveredei por esse mundo maravilhoso e, ao mesmo tempo, terrível de uma relação. E surgiu o nome do livro:

Homem & Mulher

Homem x Mulher

Entre o amor e ódio.

Fui escrevendo sem roteiro, misturando lembranças com ideias novas, sempre focalizando o Homem e a Mulher. É um livro sem compromisso. Escrevendo, estou todo o tempo conversando com o leitor. E fui me perguntando: por que queremos um companheiro? Por que brigamos? Por que competimos? E será que há respostas para tantas perguntas? Na realidade, descobri que é um livro que convida a pensar. Só isso.

// Carlos Pires Leal

carlospiresleal@gmail.com



Os Filmes e o Tempo

"O tempo só se torna humano quando articulado como narrativa." (Paul Ricœur)



De certa forma, o Cinema já foi considerado uma "máquina do tempo", ainda que restrito a um tempo já passado – por registrar imagens em movimento, de fato, acontecidas, seja com intenção documental, seja como encenação ficcional. E o Cinema de ficção tem incontáveis enredos sobre viagens no tempo, em que personagens vão a eras remotas, passadas ou futuras. Um divertido filme bem popular é "De volta para o futuro", de Robert Zemeckis (1985), em que o jovem Marty McFly vai até 1955 e precisa garantir que seus pais se apaixonem de fato, casem, procriem... Ou ele nunca existirá no "futuro" – que é o tempo presente de quando o filme foi lançado.

O hábil roteiro cria uma ansiosa adversidade quando a então jovem Lorraine, futura mãe de Marty, inclina-se de amores pelo viajante no tempo sem saber que é seu futuro filho – e foge às investidas de George McFly, que terá que ser um necessário pai para que Marty não deixe de existir no futuro. O enamoramento de Lorraine por Marty é uma brincadeira com a lenda do Édipo – que casou com Jocasta sem saber que ela era sua mãe

biológica.

Há outro subenredo interessante: no tempo presente (1985) e início do filme, Lorraine aparece como uma mulher de meia idade que bebe e George como um fracassado, ou seja, pais bastante desvalorizados. Mas, quando Marty vai a 1955, consegue fazer de George um rapazola menos tímido em uma série de ações e passa a ser o efetivo objeto amoroso de Lorraine. Ao voltar ao tempo atual, Marty se surpreende ao encontrar pais muito diferentes: George é um homem bem-sucedido e Lorraine não é uma alcoólatra. Fica em aberto a interpretação de tudo ter sido um sonho de Marty por meio do qual ele ressignificou a imagem dos pais, sem mais possibilidades de "ataque ao vínculo" parental (ver Bion), já que os pais não são mais os depreciáveis do início: um "happy ending" sem que Marty tenha passado por um divã de analista – um conto de fadas contemporâneo.

Fora do dito "Cinema comercial", algumas obras-primas têm o tempo – e a memória – como matéria-prima: em "Morangos Silvestres", de Ingmar Bergman (1957), um idoso professor médico faz uma viagem de carro

para uma cidade onde receberá uma importante homenagem. Durante o deslocamento no espaço, memórias e sonhos o levam a rever sua vida e, de alguma forma, reencontrar o "tempo e lugar onde nascem morangos silvestres" (dizem que o título original, em sueco, denota essa situação têmporo-espacial), ou seja, ele revive o melhor da infância: perdida, mas preservada em vivências inextinguíveis.

Em outra obra-prima, Federico Fellini mostra sonhos e memórias de Guido, um diretor de Cinema em crise criativa, concluindo com uma enorme ciranda que reúne todos os personagens vistos ao longo do filme, como que "regidos" por uma pequena banda de música circense em que o menino Guido toca na flauta o inesquecível tema musical de Nino Rota para "8 ½", de 1963: a infância rege a vida adulta, parece nos dizer Fellini.

O passado, entretanto, também pode ser uma prisão neurotizante (ou psicotizante) como em outra obra máxima: "Um corpo que cai" (1958), de Alfred Hitchcock, em que um homem tenta reencenar a paixão por uma mulher que já morreu, tal como um moderno Orfeu que não aceita o luto pela morte de Eurídice – e com trágicas consequências. Por fim, não se pode deixar de mencionar Alain Resnais – que, no início de sua carreira, foi considerado um cineasta "do tempo e da memória", seja em filmes documentais, como "Toda a memória do mundo" ou "Noite e névoa" (1956), este sobre os campos de morte nazistas, seja em magníficas obras de ficção, como "Hiroshima, meu amor" (1959) – as lembranças da época da II Guerra de uma mulher francesa e de um homem japonês; "Muriel ou o tempo de um retorno" (a tortura durante a Guerra da Argélia como chaga na história da França, 1963); "Eu te amo, eu te amo" (um suicida perdido dentro de uma máquina do tempo que se assemelha a um encéfalo, 1968); ou "Providência" (1977), as memórias recriadas por um escritor idoso numa noite de bebedeira.

// Luiz Fernando Gallego
luizgallego@gmail.com



Morangos Silvestres (Ingmar Bergman - 1957).



TUDO COMEÇA EM CASA

Quando Donald Winnicott morreu, em 1971, deixou artigos inéditos, alguns publicados em seu livro "Tudo começa em casa", e este me pareceu um bom título para esta breve escrita sobre nosso Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Assumir a Direção do Instituto, junto com colegas que se prontificaram a compor o Comitê de Formação, é uma tarefa desafiadora em qualquer momento institucional. É pelo Instituto que ingressamos na Brasileira do Rio, começamos a fazer

listas e supervisores fora da relação continente do *setting*. É quando nos inserimos, pela vida institucional, e seguimos criando um jeito próprio de nosso eterno vir a ser de um psicanalista.

No início de 2023, tivemos uma importante votação no Conselho Deliberativo do Instituto, posteriormente homologada em Assembleia, sobre a análise daqueles que desejam fazer Formação em nossa Sociedade. Destaco o ponto do texto de Freud, de 1926, sobre análise leiga, em que ele diz que para o trabalho analítico o analista deve, antes de tudo, ter aprendido "a psicologia das profundezas do inconsciente, mas ele só aprende na análise pessoal." Sendo assim, o postulante, ao ser selecionado, iniciará o seu processo de análise numa alta frequência, antes de iniciar a Formação no Instituto, que se dará no ano seguinte.

A partir de 2021, o Instituto passou a receber alunos de outras formações universitárias para a Formação Psicanalítica. Isso nos convoca a um segundo momento de grande desafio. Freud, no mesmo texto, nos lembra a necessidade de uma prática clínica bem supervisionada. A Clínica Social está se unindo ao Instituto para que esses alunos recebam as melhores diretrizes para o desenvolvimento de uma clínica psicanalítica responsável e robusta. Estamos, também, buscando estágios em Instituição Psiquiátrica, o que oferecerá subsídios para os alunos de outras áreas universitárias.

Nosso Programa Social-Racial tem contado com o apoio da FEBRAPS, facultando a gratuidade das inscrições para os bolsistas. O atual Processo Seletivo, em andamento, divulgou a continuidade do oferecimento de bolsas, de acordo com as nossas diretrizes de inclusão.

Os três eixos da Formação: análise pes-

soal, supervisão e seminários teóricos e clínicos continuam a ser o nosso norte. Em relação ao quarto eixo, ou seja, a participação na vida societária e a expansão para outros profissionais interessados em Psicanálise, realizamos junto com o Conselho Científico e o Departamento de Difusão dois eventos, cuja foto que ilustra esse texto expressa o interesse vivo de jovens estudantes e colegas de outras Instituições pela clínica que praticamos. Fizemos, no Colégio Brasileiro de Cirurgiões, uma discussão de caso clínico com apresentação das alunas Fernanda Lorenzon e Lena Talberg e tivemos Virginia Ungar como comentadora, que resultou numa manhã de sábado bastante proveitosa. Contamos com 112 inscrições. Virginia, inclusive, se ofereceu para nos ajudar a implantar a Formação Integrada de Crianças e Adolescentes em nosso Instituto, projeto sonhado por muitos de nós. O outro evento, com a participação do Instituto, foi realizado na PUC-Rio. A partir de um texto de Margaret Binder, publicado em nossa revista **TRIEB**, Ruth Naidin e eu fizemos comentários que foram acrescidos de um rico debate com os 142 alunos presentes. Muitos se interessaram pela possibilidade de Formação em nosso Instituto, futuramente. A coordenação do curso da História do Pensamento Psicanalítico trouxe, no dia 17 de junho, para um seminário *online* com alunos e membros da Sociedade, Ricardo Steiner – um dos autores do famoso "As controvérsias Freud-Klein 1941-1945". E, dessa forma, o tempo que nos contagia é o da transmissão e o da criação. E lá vamos nós, com tudo que nossa casa pode oferecer para uma consistente Formação de psicanalistas!

// Ana Sabrosa

anamabrosa@gmail.com



Atividade Clínica - PUC-Rio, 31/5/2023.



O Marco Temporal na Psicanálise: Freud nos implica

Temos vivido tempos estranhos. Por entre os traumas dos vazios das perdas e as tramas em sequelas entrecruzadas por processos de re/construção emocional, há um quadro complexo de graves questões socioambientais relacionadas a um amplo espectro, envolvendo várias dimensões – social, política, sanitária, educacional e econômica. Entender a crise de saúde em que vivemos, a partir de um quadro mais amplo e abrangente, pode contribuir para a compreensão do que parece ser invariante em nossa sociedade: a profunda desigualdade, os fossos doentios que separam os Brasis. Em especial, a crise colocou em voga, com muita intensidade, uma falta básica: o atendimento à saúde mental. Essa invariante aponta e acusa para o que é trans-histórico, como diria Morin (1999): "o que atravessamos no presente, que nos remete ao passado e nos dá a sensação de uma história alongada."

Qual o papel de uma Psicanálise implicada hoje? A resposta talvez pudesse estar alinhada à proposta freudiana de 1918 (Danto, 2019), voltada para o tratamento do sofrimento humano em clínicas gratuitas (ou bem acessíveis) às classes populares. Os dispositivos psicanalíticos eram criados para uma inserção orgânica, considerada fundamental – contextualizando e parafraseando Birman (2021), a Psicanálise "deve realizar um recorte do domínio da saúde mental", com orientações epistemológicas específicas.

E aqui reside uma possível contribuição futura do Estamos Ouvindo, um trabalho diferenciado de escuta psicanalítica e interlocução virtual que tenho acompanhado. A inicia-

tiva foi lançada em abril de 2020, com um grupo de psicanalistas da SBPRJ que se lançou ao desafio do atendimento por meio remoto. No processo, o grupo se prontificou a ouvir a um contingente diverso da população e os resultados quantitativos surpreenderam, um em especial: apenas 9% dos atendimentos da cidade do Rio de Janeiro foram destinados à Zona Sul. Inverteu-se, aqui, o padrão existente, demonstrando a efetividade do esforço empreendido em relação às classes populares. O tratamento psíquico tem se desenvolvido com um número limitado de sessões e tudo indica que "a pulsão de vida pode ser promovida na sua economia pulsional de forma intensa, conjugada para neutralizar a pulsão de morte" (Birman, 2021). Pela via da palavra, a dor relatada encontra amparo, com casos exemplares de incremento da produção psíquica, aparentemente derivados da própria sensação de iminente castração: um "marco temporal".

A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem se pronunciado publicamente sobre os efeitos psíquicos da pandemia sobre os indivíduos, com possíveis desdobramentos futuros. E o campo da saúde mental foi alçado a uma posição proeminente no espaço da saúde pública. Nesse sentido, com propostas inovadoras, a empreitada psicanalítica mostra que, para os desafios da vida, não há outro caminho senão tecer tramas com novos sentidos. Freud ressaltou a importância de uma prática investigativa, perpassada pela relativização dos conhecimentos em confronto com dados clínicos. Nessa perspectiva, Mezan (2019) ressaltou que a ousadia criativa, em termos

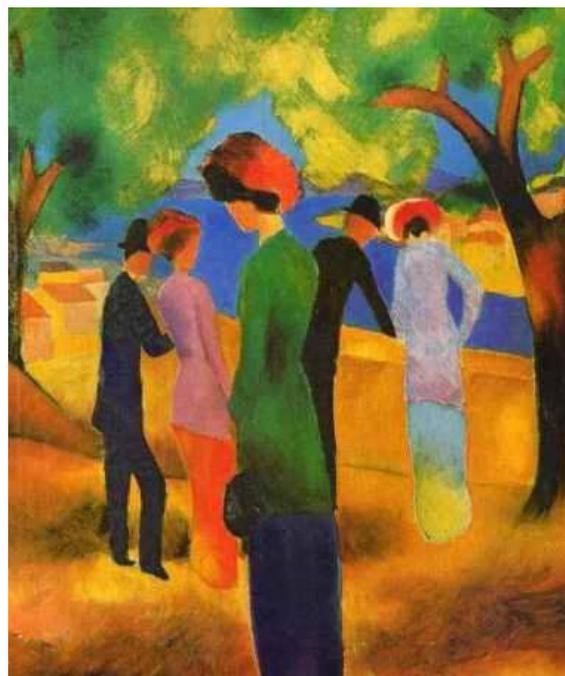
técnico-metodológicos, é bem-vinda em nossos tempos.

Referências:

- Birman, J., 2021. *O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 167 p.
- Danto, E. A., 2019. *As clínicas públicas de Freud*. São Paulo: Editora Perspectiva, 421 p.
- Mezan, R., 2019. *O Tronco e os ramos*. São Paulo: Blucher, 623 p.
- Morin, E. 2020. *É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus*. São Paulo: Bertrand Brasil, 97 p.

// Danielle Grynspan

Membro Provisório da SBPRJ
Pesquisadora Titular da Fiocruz
daniellegryn@gmail.com



August Macke. *Mulher com casaco verde* (1913).



Fernando Moura

Fernando Moura, cantor, pianista e regente coral, formou-se em Arquitetura na UFRJ, estudou música na Pro-Arte do Rio de Janeiro e no Conservatório Real de Haia. Vive e trabalha entre a Holanda e o Brasil.

Em que ponto você está?

Ponto de bala? Não... Ponto de fuga? Às vezes. Ponto final? Ainda não, creio. Mas ele está à vista. Ponto de macumba...Vivi um bom tempo, bastante tempo. Engraçado pensar nisso. De menino asmático com um livro, cheguei aqui, menos asmático, quase atlético, na velhice. Me trouxeram aqui: a música, o olhar, o gesto, a palavra. E o espírito. Seja lá o que seja (for) isso.

Como foi a trajetória do menino asmático, até este ponto? Como dialogam a Arquitetura, o piano, a Literatura e o canto coral?

Leitor asmático

A casa enorme em Santos Melo pertencia à Central do Brasil, onde papai trabalhava. Na frente os trilhos, atrás a Mangueira. Os bujões de oxigênio. A asma. Os pais em pânico. Eu tomava (escondido?) Benadryl do armário do banheiro como se fosse refrigerante... Aos sete anos, entrei pro primário e passou minha asma. Cada vez mais alfabetizado. Lia Monteiro Lobato. Nunca mais parei de ler. A asma voltou mais tarde, por volta dos 30 anos, mas só em curtos períodos. No fundo, sou um asmático que lê sem parar, embora agora seja um atleta grisalho. Jovem, eu costumava dar respostas automáticas e inconscientes quando estava lendo. Não queria interromper o fluxo. Hoje, sou menos concentrado.

Piano

Ainda em Santos Melo, meio recluso, ouvia mamãe tocar piano e imitava. Compus a "Música Fifa". Não me lembro da melodia e nem do significado do nome. Agora, ao teclar, escrevi Música Viva (ato falho?). Depois de pedir, insistentemente, aos treze anos, comecei a ter aulas de piano. Teclas são um vício.

Canto

No colégio dos Maristas, eu cantava no coro. Além disso, era "solista", soprano. Na ladainha de Maria, entrava em transe com o incenso e o canto, frases curtas, repetidas. Mais tarde, a descoberta da chamada Música Antiga. Na renascença era a voz quem mandava. E tem a nossa canção brasileira. A voz, portanto...

Arquitetura

Na minha casa são todos engenheiros: pai, mãe, irmãos e irmã. Papai sugeriu genialmente: - "Você desenha, vai fazer Arquitetura...". A função da universidade é juntar pessoas para que troquem ideias. Líamos Kafka e Sartre, íamos ao Teatro Oficina e ao cinema Paissandu... E como só havia a Faculdade Nacional de Arquitetura, saí do meio da direita católica, de onde viera. Era 1965! Fizemos greve. Eu não tinha nenhum embasamento de esquerda! Além disso, *era um garoto que como eu... amava os Beatles e os Rolling Stones*. Me formei,

fui para a Holanda. Música! Desenho até hoje...

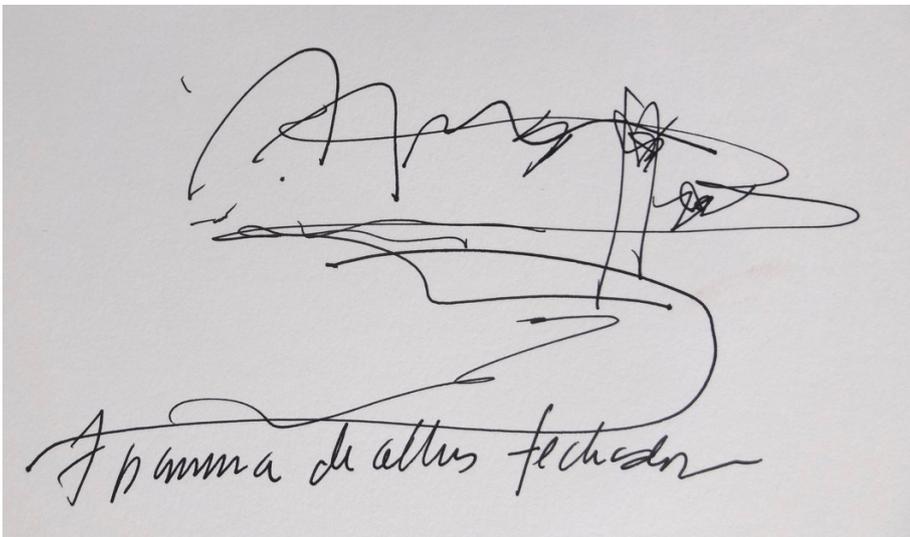
Você escreve diários há vários anos e os compartilha com amigos próximos. Além de ser um exercício literário (autoficção?) seria uma forma de segurar o Tempo?

Comecei a escrever diários na infância, não sei por que. Os primeiros que tenho são dos meus nove anos. São coisas de criança, brincadeiras, festas de aniversário. Por que será que a criança escrevia? (Gostava de ler.) Depois de alguns hiatos, eles se tornaram ininterruptos. Num dado momento, comecei a compartilhá-los, depois me dei conta que estava me censurando e passei a escrever também um "*secret diary*". Mesmo assim, me entrego bastante nos que envio. Gosto muito de literatura autobiográfica. Acho que, escrevendo, repenso os acontecimentos. Sou super proustiano, mas não tinha pensado nessa história de segurar o tempo. É verdade que quando leio os diários possuo aquele momento. Me revisito. Só li Proust mais tarde, mas já escrevia o meu "*temps perdu*".

Em uma conversa que tivemos, surgiu a expressão "Freud de bolso", criada por você. Nos fale sobre ela.

Nunca fiz análise e não li Freud, só li um sonho bonito onde ele descobria um cômodo da casa que não conhecia. Sou cercado por psicanalistas e

"Eis aí o Freud de bolso, prático, pronto para o uso e nunca infalível."



Desenho de Fernando Moura (2019).

amigos "psicanalisados"; o assunto é frequente. Gosto dos meus sonhos, acordo, durmo e volto a eles, anoto-os. Procuo olhar no profundo do meu ser, e também no dos outros, nem sempre com sucesso.

Você mesma me disse que Freud achava que era possível a pessoa ter um talento psicanalítico sem uma formação psicanalítica. Eis aí o Freud de bolso, prático, pronto para o uso e nunca infalível.

Como se rege a vida entre Haia e Ipanema?

Isso começou em 1970 com várias fases e várias proporções. Haia – Ipanema, agora o Flamengo. Rio de Janeiro. Criei o termo esquizofrenia benigna. E benigna no sentido de amável. É um acaso, aconteceu, é um privilégio, sim. Um enriquecimento de ponto de vista. Culturas, línguas, afetos, etnias... Acho que, na adolescência, era muito mais americano, não tinha planejado a Europa, mas ela estava lá, o tempo todo.

// Sandra Gonzaga e Silva
gonzaga.sagon@gmail.com



NOVA REPRESENTAÇÃO DA SBPRJ NA FEBRAPS

A recém-formada Comissão de Psicanálise de Casal e Família da FEBRAPS, que foi constituída em agosto de 2022, é composta por 13 representantes das Sociedades federadas.

Há 1 ano, aceitei esse convite e desafio, e tem sido uma honra representar a SBPRJ nesta Comissão.

As reuniões desse grupo acontecem duas vezes por mês, com discussões de casos clínicos, com abordagem de seus aspectos teóricos e técnicos da Psicanálise de Família e Casal.

Recentemente, fomos convidados pela Coordenação Científica do Congresso Brasileiro de Psicanálise para apresentar diversos trabalhos sobre nossos estudos. O evento será em novembro, em Campinas, no qual os membros dessa Comissão estarão em várias mesas, representando a Psicanálise de Casal e Família, além de ainda representar a Sociedade de Psicanálise que pertencem. Com isso, nossa delegação vai ajudar a difundir o conhecimento sobre essa modalidade tão importante de atendimento psicanalítico.

Frida Atié - Representante da SBPRJ na Comissão de Psicanálise de Casal e Família da FEBRAPS

Natalia Timerman



Nesta coluna, demandamos a uma personalidade um momento transformador em sua vida. A psiquiatra e escritora Natalia Timerman, autora de *Copo Vazio* e *As pequenas chances* (lançamento em agosto), nos conta como as mudanças, que afetam nossas vidas, nos surpreendem como um conhecido que chega sem fazer alarde.

São momentos pouco grandiosos, quase imperceptíveis, aqueles que mudam o rumo das coisas. Geralmente, só nos damos conta deles muito tempo depois. Não preciso pensar muito para me lembrar de três, um tripé, ocasiões que o acaso me deu de me tornar



eu mesma. As três partes mais importantes de mim: a psiquiatria, a escrita e a minha família.

XINGU

Eu sempre quis ser escritora, mas fui fazer Medicina porque meu pai era médico. Quase desisti algumas vezes; sofri no começo da faculdade, discuti muitas vezes com meu pai, mas, principalmente, comigo mesma.

No terceiro ano do curso, viajei para o Xingu como parte de um projeto da Unifesp. Três semanas. Três semanas de rio, de voadeira, de campanha de vacinação. Três semanas de dormir na rede, de outro jeito de viver, de me sentir em casa no meio de uma floresta escura. Três semanas sem me olhar no espelho: não há simbolismo mais óbvio para a abertura para estar diante do outro.

Na volta, tudo parecia veloz demais, mesmo em Canarana, a pequena cidade próxima ao Parque Indígena. Ficou nítido para mim que o que eu conhecia como vida era apenas uma versão dela. Ficou nítido, também, que a Medicina poderia me proporcionar alegrias. Foi quando decidi que iria até o fim: eu terminaria a faculdade, seguiria até me formar.

UM JANTAR QUALQUER

Eu já era médica, já havia escolhido a Psiquiatria, já tinha um filho, mas não me largava a sensação de que me faltava alguma coisa. De que eu ainda não havia chegado. Onde? Qual seria meu lugar de chegada? Eu ainda não sabia que só escrevendo me sentiria em paz, e apenas por um instante, uma paz estranha, uma paz perturbada, mas, ainda assim, uma paz.

A angústia ia e vinha; naquela noite, estava calma. O dilema era mais saber com quem meu filho ficaria enquanto eu estivesse no jantar do que outra questão existencial qualquer. Eu não me lembro, já passados doze anos, se ele ficou

com uma babá, com a minha mãe, que ainda não tinha Alzheimer, ou com o pai, de quem eu já havia me separado. Mas não me esqueço de escutar a anfitriã, uma mulher de uns cinquenta e muitos anos, que eu admirava, dizer: "e se eu estudasse fora do Brasil?"

Acho que ela nem sonha o efeito que aquela frase teve em mim. Eu me vi nela: eu vi nela a minha própria insatisfação. Ela também, ao pé dos sessenta, não conseguia sentir que havia chegado em seu lugar.

Me veio muito aguda, ali, a percepção de que o tempo estava passando. A vida, minha única vida, feita daqueles dias ali que eu estava deixando escorrer um a um, poderia passar inteira sem que eu realizasse o que eu quero. Sem que eu sequer soubesse o que queria realizar.

Então, comecei. Entrei no mestrado poucos meses depois, e minha dissertação se transformou no meu primeiro livro.

Eu cheguei no meu lugar: a escrita.

KALUNGA

Tínhamos ido comprar material escolar, meu filho e eu, e nos encontramos por acaso nos corredores da loja com um amigo dele e seu pai. Os meninos não se viam há meses, se abraçaram, e meu filho me perguntou, com um olhar que insistia, se poderia convidar algum dia aquele amigo para vir em casa.

O pai dele e eu nos olhamos, trocamos telefone, ficamos de nos falar depois para combinar. Não demorou muito.

Hoje, ele é o pai também do meu segundo filho, estamos juntos há sete anos, os amigos viraram irmãos e todos eles, a minha família.

// Natalia Timerman
natimerman@gmail.com